



## **FRACASSO ESCOLAR: UM OLHAR PSICOPEDAGÓGICO PARA AS REPROVAÇÕES NO ENSINO FUNDAMENTAL DAS SÉRIES FINAIS**

### **SCHOOL FAILURE: A PSYCHOPEDAGOGICAL LOOK TO THE FAILINGS IN THE FUNDAMENTAL TEACHING OF THE FINAL SERIES**

Rosalva Rocha Dordete<sup>1</sup> Rosangela Pereira Cabral<sup>2</sup>

UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense- Criciúma - SC – Brasil

**RESUMO:** A psicopedagogia nos convida a olhar para a aprendizagem de forma plena considerando a subjetividade do sujeito cognoscente. Sendo assim o presente trabalho tem como objetivo analisar as reprovações dos sujeitos no ensino fundamental das séries finais, percebendo-as não como fracasso escolar, repetência e evasão, mas a toda situação que leva o sujeito ao não aprender. A fundamentação teórica da pesquisa foi baseada em autores que discutem sobre o tema do fracasso escolar e aprendizagem numa perspectiva pedagógica e psicopedagógica, como: Scoz, Bossa, Pain, Fernandez, Weiss; e pedagógicos como: Patto, Arroyo, Perrenoud, Paulo Freire, entre outros. Para investigar as causas do fracasso realizou-se uma pesquisa qualitativa, em forma de entrevista. Foi aplicado um questionário com dezesseis professores, quatro pais e quatro alunos da Educação Básica do Ensino Fundamental das Séries Finais pertencentes à Rede Pública Municipal de Meleiro/SC. Também foi desenvolvido um levantamento bibliográfico referente ao fracasso escolar e a psicopedagogia. Diante deste levantamento, e do resultado do questionário com os envolvidos na pesquisa conclui-se que: A ocorrência das repetências escolares está relacionada, as condições internas e externas do fazer institucional. Dentro da análise referente a estas condições internas da escola estão à falta de interdisciplinariedade, as modalidades de ensino inadequadas às condições reais dos alunos e a estrutura familiar. Com os estudos bibliográficos, percebeu-se que o fracasso escolar tem que ser visto na sua complexidade por todos os envolvidos no ensinar e aprender do sujeito. A Instituição escolar e familiar tem que estreitar laços

---

<sup>1</sup> Autora do presente artigo. Graduanda do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC – Av. Universitária, 1105 – Bairro Universitário CEP 88806-000 – Criciúma – SC – Fone 48 34312500

<sup>2</sup> Coautora do presente artigo. Docente do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu - Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

para que, a partir de um trabalho conjunto, possam atenuar ou até mesmo superar todas as nuances que levam ao não aprender do sujeito.

Palavras chaves: Fracasso Escolar. Psicopedagogia. Ensinar. Aprender.

**ABSTRACT:** Psychopedagogy invites us to look at learning fully considering the subjectivity of the cognoscent subject. Thus, the present study aims to analyze the students' disapprovals in the final grade in elementary school, perceiving them not as school failure, repetition and avoidance, but to any situation that leads the subject to not learning. The theoretical basis of the research was based on authors who discuss on the topic of school failure and learning from a pedagogical and psychopedagogical perspective, such as: Scoz, Bossa, Pain, Fernandez, Weiss; and pedagogical as: Patto, Arroyo, Perrenoud, Paulo Freire, among others. To investigate the causes of failure, a qualitative research was conducted in the form of an interview. A questionnaire was applied with sixteen teachers, four parents and four students of Basic Education of the Final Years belonging to the Municipal Public Network of Meleiro / SC. A bibliographic survey was also developed on school failure and psychopedagogy. Faced with this survey, and the result of the questionnaire with those involved in the research, it is concluded that: The occurrence of school repetitions is related to the internal and external conditions of institutional making. Within the analysis concerning these internal conditions of the school are the lack of interdisciplinarity, the teaching modalities that are inadequate to the real conditions of the students and the family structure. With the bibliographical studies, it was realized that school failure has to be seen in its complexity by all those involved in teaching and learning of the subject. The school and family institution has to strengthen ties so that, from a joint work, they can attenuate or even surpass all the nuances that lead to not learning from the subject.

Keywords: School Failure. Psychopedagogy. Teach. Learn.

## **1. Introdução:**

Através deste estudo, pretende-se apresentar uma análise psicopedagógica dos possíveis motivos, que conduziram os alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental a, “reprovação escolar”; no qual também recebe o nome pejorativo de “fracasso escolar”. Esta denominação negativa, que tem determinado o futuro de muitos estudantes apresenta uma relação estreita com o surgimento da Psicopedagogia no Brasil. Pois, este episódio da repetência escolar, nas escolas brasileiras, tem sido motivo de muitos embates e estudos entre os profissionais da área educacional e das demais áreas afins. Sendo que, iniciou-se esta preocupação na área médica; e após a uma longa jornada, buscou-se compreender, na educacional, os “por quês” das dificuldades de

aprendizagem escolar e do fracasso escolar; por meio da criação de uma Psicopedagogia preventiva.

Dessa forma delimitou-se o problema. Por meio de um olhar psicopedagógico: Quais são os motivos que levam as reprovações dos alunos das Séries Finais do Ensino Fundamental? Portanto, optou-se por uma pesquisa qualitativa com professores, alunos e pais a fim de compreender as causas que levam as reprovações dos sujeitos.

Nos dias atuais não poderíamos estar falando de fracasso ou reprovação escolar, porém elas existem e transformam a vida do sujeito envolvido num descrédito em relação ao conhecimento e sua escolaridade. No entanto, quais seriam realmente as causas que levam o sujeito ao insucesso e ao fracasso escolar?

Para alcançar o objetivo deste trabalho, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Definir o papel da psicopedagogia frente ao fracasso escolar.
- Conceituar Fracasso escolar
- Relacionar as contribuições psicopedagógicas com as reprovações (fracasso) dos sujeitos pertencentes às séries finais do Ensino Fundamental.

A pesquisa teve caráter qualitativo. A problemática levantada para esta pesquisa refere-se ao “por que” do “não aprender” que acabam em fracasso escolar. “Um problema de pesquisa pode originar-se de muitas fontes em potencial. [ ] de uma experiência que os pesquisadores tiveram em sua vida pessoal [ ] de trabalho. [ ] debate [ ] na literatura [ ]. debates políticos [ ].” (CRESWELL<sup>1</sup>, 2007, p. 88).

Na coleta de dados, os instrumentos utilizados foram questionários, contendo questões direcionadas aos professores, pais, e alunos reprovados por baixo rendimento escolar. “[ ] Os passos da coleta de dados incluem estabelecer fronteiras para o estudo, coletar informações através de observações e entrevistas [ ] bem como estabelecer o protocolo para registrar informações.” (CRESWELL<sup>1</sup>, 2007, p. 189). Os pesquisados foram contatados e informados sobre a pesquisa, assinaram um termo de consentimento e os questionários foram entregues na própria escola. Participaram da pesquisa, dezesseis professores, quatro pais e quatro alunos da Educação Básica do Ensino Fundamental das Séries Finais pertencentes à Rede Pública Municipal de

Meleiro/SC. Foi apontada a importância do olhar psicopedagógico para as reprovações e destacado a relevância do envolvimento, dos pesquisados, para o desenvolvimento do trabalho. Todos os envolvidos na pesquisa se colocaram a disposição contribuindo, assim, para que o trabalho se concretizasse.

O artigo foi organizado com os seguintes títulos: A trajetória de um Olhar Psicopedagógico sobre o Fracasso Escolar; Fracasso Escolar; Dados de uma Leitura Psicopedagógica sobre o Fracasso Escolar; Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

Através da fundamentação teórica pautada e dos dados obtidos na pesquisa, acredita-se na possibilidade de contribuir para uma melhor orientação dos principais personagens, por meio da formação continuada dos professores e reunião de pais. Como também, acredita-se que através deste olhar psicopedagógico para o “ensinar” e o “aprender” diferenciado, possibilite um investimento por parte das autoridades competentes para a atuação futura deste profissional psicopedagogo nas escolas da região de Meleiro/SC.

## **2. A trajetória de um olhar psicopedagógico sobre o fracasso escolar:**

Inicialmente, os psicopedagogos percebiam o “fracasso escolar” dentro de uma concepção organicista, sendo que suas causas eram avaliadas “através da sondagem de aspectos do desenvolvimento físico e psicológico do aprendiz” (SCOZ<sup>2</sup>, 1994, pg.23). Portanto, ainda de acordo como a mesma autora, as dificuldades de aprendizagem nesta década de 60 eram vistas nos indivíduos como sofrendores de uma patologia que estava relacionada a algumas “disfunções psiconeurológicas, mentais e ou psicológicas”.

Esta visão orgânica perdurou por longos anos devido a estudos realizados na área médica, na qual “surgiu por volta dos séculos XVIII e XIX, com o grande desenvolvimento das ciências médicas e biológicas, especialmente da Psiquiatria. “[ ] o conceito de “anormalidade” começou a ser transferido dos hospitais para as escolas” (SCOZ<sup>2</sup>, 1994, pg.19).

Neste sentido, na década de 70, os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem teriam por causa, conforme Bossa<sup>3</sup> (1994, pg.43): “uma disfunção

neurológica não-detectável em exame clínico, [ ] chamada disfunção cerebral mínima (DCM)”.

Neste sentido, “[ ] os testes e os instrumentos de mensuração, [ ]” (SCOZ<sup>2</sup>, 1994, p.25), utilizados de forma exagerada pelos psicopedagogos serviu para rotular ainda mais os alunos, percebendo-os como inaptos em suas aprendizagens; portanto, para Scoz<sup>2</sup> (1994), estes recursos diagnósticos se tornaram “ineficazes e prejudiciais” ao invés de recuperar a auto-estima dos mesmos e facilitar seu desempenho escolar.

Pode-se dizer que, entre parênteses, a: “única vantagem”, de a criança ser rotulada com um diagnóstico de DCM é a “aceitação maior da criança pelo professor e pelos pais, uma vez que, portadora de uma “doença” neurológica, ela não poderia ser responsabilizada pelo próprio fracasso. [ ]”(SCOZ<sup>2</sup>, 1994, pg. 24).

Ainda conforme Fernandez<sup>4</sup> (2001, p. 33): “Ao rotular, faz-se calar toda possibilidade. Os rótulos funcionam como sofisticados métodos de controle.” Sendo assim, este julgamento serve apenas para imobilizar ainda mais “o aprender” e a “autoria de pensamento” que todo sujeito tem na sua mais infinita ignorância, aprisionando ainda mais o seu ser intelectual e sua capacidade criadora. (Fernandez<sup>4</sup> 2001).

No princípio desta mesma década de 70, já mencionada acima, surgiram “cursos com enfoque psicopedagógico, [ ] de temas como “ A Criança-Problema Numa Classe Comum”, “Dificuldades Escolares”, “Pedagogia Terapêutica”, “Problemas de Aprendizagem Escolar” (BOSSA<sup>3</sup>, 1994, pg. 44). Estes cursos eram voltados para psicólogos, pedagogos entre outros profissionais interessados em compreender os “porquês” que as crianças não “aprendiam” nas escolas. E, no final de 1970, começou a surgir “os primeiros cursos de especialização em Psicopedagogia no Brasil, idealizados para complementar a formação dos psicólogos e de educadores que buscavam soluções para esses problemas. [ ]” (BOSSA<sup>3</sup>, 1994, pg. 44).

De acordo com Bossa<sup>3</sup> (1994), a prática psicopedagógica no Brasil tem sido influenciada pela literatura argentina por ser um país vizinho e pela facilidade do idioma. Porém, “A Psicopedagogia não nasceu aqui e tampouco na Argentina. [ ] a preocupação com os problemas de aprendizagem teve origem na Europa, ainda no século XIX” (BOSSA<sup>3</sup>, 1994, pg.28). Mas, existe diferença entre “problemas de aprendizagem” e “fracasso escolar”, na qual será explicada no próximo tópico.

Atualmente, a Psicopedagogia deixa de contribuir no reforço aos rótulos criados pelo uso de recursos ineficazes e passa a se beneficiar do conhecimento proporcionado por outras áreas como, a “[ ] da Psicologia, Sociologia, Antropologia, Lingüística, Psicolingüística,[ ]”. (BOSSA<sup>3</sup>, 1994, pg. 25).

Trabalhando, assim, de forma interdisciplinar, a Psicopedagogia procura compreender como o sujeito “aprende”, e como “não aprende” percebendo neste sentido, que “A modalidade de aprendizagem constrói-se em reciprocidade com as modalidades de ensino dos ensinantes com os quais o sujeito interage” (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, p. 103).

Sendo assim, para Scoz<sup>2</sup> (1994), a área psicopedagógica busca subsídios teóricos nas contribuições de diversos autores que se destacam pelas suas abordagens. Como a autora Emília Ferreiro, que se apóia na teoria piagetiana, referindo-se aos erros que a criança comete na leitura e escrita como “hipóteses” para construir o seu conhecimento dentro das fases de seu desenvolvimento cognitivo. O autor Vygotsky, descrevendo que no início a criança desenvolve sua cognição através de processos biológicos, e logo após o conhecimento será mediado através das interações sociais, sendo assim, as mesmas aprendem de fora para dentro, “[ ] convertendo-se, por fim, em aquisições internas.” (SCOZ<sup>2</sup>, 1994, p. 27). Pois, necessita de um adulto para aprender, ou seja, “À medida que as crianças crescem, internalizam as operações e as direções verbais fornecidas pelos adultos, utilizando-as para dirigir o seu próprio conhecimento. [ ]”(SCOZ<sup>2</sup>, 1994, pg. 26). Destacando-se também, entre outros autores, os psicopedagógicos citados ainda por Scoz<sup>2</sup> (1994) como: Visca e Pain que demonstram seus conhecimentos teóricos para um melhor olhar psicopedagógico.

Acrescentando, também, Fernández, Weiss como teóricos tanto da psicopedagogia clínica quanto da institucional. Assim também, buscando compreender, o olhar diferenciado destes autores sobre o “significado” e as “causas” do “fracasso escolar”. Como também, a “prevenção” deste fracasso no sentido de criar “possibilidades”, para impedir ou amenizar as altas taxas de repetências escolares.

### **3. Fracasso Escolar:**

Neste momento, pretende-se discutir os conceitos de fracasso escolar, mas indiretamente, pois os mesmos, parecem se confundir em meio às causas por não ter um sentido bem definido pela sua amplitude de compreensão; onde depende da visão abordada entre cada um dos autores. Mas, quais são as condições deste fracasso? Internas ou externas ao sujeito? E quais são os motivos que levam ao fracasso escolar? Ou seja, as “causas” ou “fatores” ou “aspectos”? Denominações estas, expressadas pelos autores para explicar o “Por que”, e ao mesmo tempo, dando significado ao amplo termo: “fracasso escolar”.

Por este ângulo, Penafiel e Lima<sup>5</sup> (2016), relatam o seu entendimento mencionando que “[ ] o fracasso escolar não se reduz a repetência e evasão, mas a todo sentimento de inadequação e toda situação que leva um sujeito a ser excluído e estigmatizado.”(PENAFIEL; LIMA<sup>5</sup>, 2016, p. 370). No entanto, este cenário de marginalização está recebendo novos olhares, Arroyo<sup>6</sup> (2004), percebe o fracasso como reprovação/retenção/defasagem, descrevendo que “[ ] A postura displicente das escolas que nem se preocupavam com os seus índices de reprovação está mudando para olhares atentos e preocupantes diante de seus altos índices de reprovação-retenção, defasagem.[ ]”(ARROYO<sup>6</sup>, 2004, p. 367). Em contra partida, Patto<sup>7</sup> (2010) quebra este otimismo de Arroyo<sup>6</sup> (2004), ao revelar que por mais o tempo passe, a desculpa do “não aprender” permanece a mesma; ao descrever que “[ ] No período de quase um século, [ ], mudam as palavras, permanece uma explicação: as crianças pobres não conseguem aprender na escola por conta de suas deficiências, sejam elas de natureza biológica, psíquica ou cultural.” (PATTO<sup>7</sup>, 2010, p. 159).

No entanto o “fracasso escolar”, num olhar psicopedagógico, é para Weiss<sup>8</sup> (2012, pg. 19): “[ ] uma resposta insuficiente do aluno a uma exigência ou demanda da escola.” De maneira complementar, no olhar de Fernandez<sup>4</sup> (2001, pg. 29): “[ ] é uma resposta reativa à situação escolar, a psicopedagogia precisa trabalhar com professoras e professores [ ] eles são, sem dúvida, a cara visível da escola para a criança.” Ainda de acordo com a mesma autora referindo-se nas palavras de Pain “[ ] Fundamentalmente, a existência da psicopedagogia clínica implica o fracasso da pedagogia” (PAIN<sup>11</sup>, 1985, apud FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991, pg.82), parecendo até soar uma “afrota” ao âmbito escolar pela “força” da palavra “fracasso”. E, acrescentando mais fermento na massa, concordando com Pain<sup>11</sup> (1985), diz Perronoud<sup>10</sup> (2001, pg. 18): “[ ] que o fracasso

escolar é o fracasso da escola, que as crianças não estão naturalmente destinadas a ser bons ou maus alunos, mas que assim se tornam devido a um funcionamento particular do sistema escolar. [ ]”. Em contra partida, porém não desviando esta culpabilização do meio educacional, Weiss<sup>8</sup> (2012) menciona que o fracasso escolar pode ser visto não só na “perspectiva” do âmbito escolar, mas também dentro do meio social e individual do próprio aluno, sendo assim, considera que “[ ] A não aprendizagem na escola é uma das causas do fracasso escolar, mas a questão é, em si, bem mais ampla.[ ]” (WEISS<sup>8</sup>, 2012, pg. 19). E para concluir, Fernandez<sup>4</sup> (2001) ameniza as palavras de Pain (1985), já citadas acima, descrevendo que:

Para atuar sobre as causas que geram o fracasso escolar, é necessário que a psicopedagogia saia do consultório e, ao dirigir-se a outros âmbitos, como a escola, não tente levar o consultório à escola, nem propor uma psicopedagogia superior, que exclua ou desvirtue a pedagogia. A intervenção psicopedagógica precisa atuar em interdisciplina com outras disciplinas, em particular com a pedagogia, sem tentar copiá-la, nem substituí-la. (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, pg.28).

Complementando o relato da autora acima, a mesma referiu-se a importância de demonstrar, para os pedagogos, a singularidade da psicopedagogia e sua parceria na resolução dos problemas de aprendizagem. Revelando-se como um novo ingrediente que servirá para unir as subjetividades de cada disciplina, sem intenção nenhuma de substituir qualquer uma delas. Incentivando, assim, os professores a dialogarem para haver uma interdisciplinariedade, na qual facilitará a compreensão de seus alunos nos conteúdos trabalhados. Fazendo, assim, o melhor pelos estudantes que estão sofrendo constantes fracassos escolares, que podem os levar a exclusão social e a marginalidade. Apresentando, assim, “fatores” externos (PAIN<sup>11</sup>, 1985) ao aluno; mas que também podem em casos extremos, prejudicar seu desenvolvimento intelectual podendo ocasionar possíveis “sintomas” (FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991), devido ao desenvolvimento de sentimentos negativos como “[ ] A culpa, a vergonha, o embaraço e o orgulho são decorrentes de uma transgressão moral e envolvem uma consciência de si.[ ]” (PENAFIEL; LIMA<sup>5</sup>, 2016, p. 374).

Outra “causa”, que ocasiona o fracasso no qual é uma grande preocupação de Patto<sup>7</sup> (2010), é a pobreza. Ficando evidenciada esta exclusão das classes sociais menos favorecidas, Perrenoud<sup>10</sup> (2001) no currículo elitizado, que supõe; em Patto<sup>7</sup> (2010) o domínio de alguns conceitos básicos pela criança com pré-condições. Porém, em relação a esta criança a autora relata que “[ ] Isso pode ser verdadeiro para aquela

que, na família, aprendeu esses conceitos; mas não o é para as que vivem em ambientes culturalmente pobres [ ], embora ricos em aspectos que a escola não costuma valorizar. [ ]”(PATTO<sup>7</sup>, 2010, pg. 157). Em continuidade, Weiss<sup>8</sup> (2012) também aponta para esta falta de respeito ou consideração pelos conhecimentos prévios adquiridos através da tecnologia do aprendiz, seja ele rico ou pobre, em relação ao seu meio social vivido fora da instituição escolar dizendo que “[ ] Triste é a escola que não acompanha o mundo de hoje, ignorando aquilo que seu aluno já vivencia fora dela. Transforma aquele que de modo inteligente a questiona [ ] num “portador de problema de aprendizagem””. (WEISS<sup>8</sup>, 2012, pg. 21).

Destarte, são diversas as causas que denunciam o não aprender; e conseqüentemente, levam o aluno ao ““fracasso escolar” [ ] como fator desencadeante de um “problema de aprendizagem”” (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, pg. 25). Já, de acordo com Pain<sup>11</sup> (1985) descreve estes fatores dos problemas de aprendizagem que ocorrem de maneira exclusiva de uma “instituição escolar” como as de “resistência às normas disciplinares, na má integração no grupo de pares, na desqualificação do professor, na inibição mental ou expressiva, etc.,” (PAIN<sup>11</sup>, 1985, pg. 13). De forma complementar, Perrenoud<sup>10</sup> (2001) destaca o currículo escolar, a indiferença as diferenças relativas às subjetividades de cada sujeito em seu aprender e os instrumentos metodológicos usados de forma errônea pelos professores; portanto, segundo o mesmo autor, são três pontos importantes que triplicam o fracasso.

Neste mesmo sentido, Scoz<sup>2</sup> (1994) menciona que estas causas devem ser vistas “[ ] a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos/sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações sociais. [ ]” (SCOZ<sup>2</sup>, 1994, pg. 22), sendo que esta dimensão global do aluno também é percebida por Patto<sup>7</sup> (2010). Em concordância, Fernandez<sup>4</sup> (2001) relata “fatores que dizem respeito ao socioeconômico, ao educacional, ao emocional, ao intelectual, ao orgânico e ao corporal” (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, pg.26).

Segundo ainda Fernández<sup>9</sup> (1991), em sua obra “A inteligência aprisionada”, classifica o fracasso escolar em “duas ordens de causas”, para uma melhor compreensão, nas quais são “externas e internas”, á “estrutura familiar e individual da criança”. A primeira causa, que se trata do objetivo maior deste artigo nas quais são externas, referem-se ao “[ ] problema de aprendizagem reativo”, [ ]. O não aprendiz não

requer tratamento psicopedagógico, na maioria dos casos. [ ]” (FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991, p.82), considerando-se que este “fracasso escolar” é gerado por vários fatores no sistema escolar. Sendo assim, são causas externas à estrutura familiar e individual do aprendiz porque não está relacionada com problemas de vínculos familiares, como também, não tem relação com o bloqueio do seu intelecto, ou seja, não “chega a atrapar a inteligência” (FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991, pg.82) do aluno.

Porém, em nível de esclarecimento sobre a segunda causa, a mesma torna-se interna quando “os níveis de inteligência, o desejo, o organismo e o corpo” (FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991, pg. 82) são atingidos provocando a “prisão” do inconsciente gerando o “sintoma ou a inibição cognitiva” (FERNÁNDEZ<sup>9</sup>, 1991); sendo que este inconsciente, é explicado por Visca<sup>12</sup> (2015) como “[ ] um nível inconsciente, no qual um conjunto não é reconhecido, e apesar da sua tentativa de emergir para o campo pré-consciente ou consciente, permanece ignorado. [ ]” (VISCA<sup>12</sup>, 2015, pg. 21). Este “permanecer ignorado” ressaltado por, Visca<sup>12</sup> (2015), compara-se a “inteligência aprisionada” descrita por, Fernández<sup>9</sup> (1991).

Em vista disso, a diferença entre o “fracasso escolar” em relação ao “problema de aprendizagem” é que este último deve ser tratado numa clínica psicopedagógica por se tratar de sintomas já instalados no inconsciente do aprendiz. Já no primeiro, o tratamento ocorre por meio de uma intervenção institucional, ou seja, trata-se de uma Psicopedagogia Preventiva para evitar novos casos de fracassos escolares. Neste sentido, de acordo com Fernandez<sup>4</sup> (2001, pg.33):

Tanto no fracasso escolar quanto no problema de aprendizagem, o aluno mostra que não aprende, mas, no primeiro caso, a patologia está instalada nas modalidades de ensino da escola, e esse é o lugar sobre qual se deve, prioritariamente, intervir.

Portanto, o aluno não aprende nas duas situações, levando o mesmo a um fracasso escolar; mas Fernandez<sup>4</sup> (2001) demonstra que as causas desde fracasso são distintas, pois se refere ao “Fracasso Escolar” como uma patologia externa ao indivíduo ocorrendo no âmbito escolar, enquanto que o “Problema de Aprendizagem” é interno ao mesmo tratando-se de inibições em nível de inconsciência.

#### **4. Dados de uma leitura Psicopedagógica:**

Se tratando de uma pesquisa qualitativa, entende-se que os escritos dos envolvidos trazem suas concepções em relação ao ensinar e aprender. Suas respostas serão analisadas e respeitadas considerando seus princípios morais e éticos a partir de embasamentos teóricos escolhidos para pesquisa.

A pesquisa foi respondida por dez professores, dez alunos e dez pais da Educação Básica da Rede Municipal de Meleiro/SC. No decorrer da análise os professores serão identificados como mestres M1 até M10, os alunos A1 até A4 e os pais P1 até P4. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos aleatoriamente a partir de um convite deixado nas escolas. Os professores entrevistados atuam em diferentes disciplinas, possuem experiência na área de atuação, com tempo no magistério de 3 a 18 anos, com carga horária de 20h/aulas à 40h/aulas semanais. Os pais possuem baixa escolaridade sendo a maioria trabalho nas lavouras locais.

Antes de dar início, a leitura psicopedagógica destes dados; pretende-se, assim, refletir na grandiosidade negativa na qual carrega a palavra “Fracasso”. Em decorrência disto, não é de se espantar que a autoestima de um educando que sofre repetências escolares; sintam-se totalmente frustrado, pois receber um rótulo de “fracassado” sugere, ao mesmo, que dificilmente será visto como um “vencedor”. Assim, de acordo com Piletti<sup>13</sup> (1999, pg. 45): “Mesmo aqueles cujo desempenho escolar é fraco ou que “fracassam”, se apesar de tudo permanecem na escola é porque querem aprender e esperam conseguir fazê-lo. [ ]”.

Os sujeitos da pesquisa iniciam sua contribuição descrevendo sobre o porquê que o aluno não aprende. A metade dos professores entrevistados destaca a culpa do “não aprender,” relacionada à escola.

Para o pesquisado M5: *“O aluno não aprende porque pode haver dificuldade de entender a explicação do professor ou limites incorporados no aluno.”*

Para M7: *“O motivo do não aprender é culpa do ambiente, falta de estudo, relacionamento colegas/professor, etc”.*

Percebe-se o equívoco dos entrevistados na questão do aprender, sendo que depositam toda a “culpa” no aluno. O professor não se percebe no processo do ensino

aprendizagem, coloca-se como conhecimento. A falta de interdisciplinariedade entre as áreas do conhecimento fragmentam o entendimento do sujeito. Segundo Arroyo<sup>6</sup> (2004), descreve como o professor pode descobrir o que está oculto em sua prática pedagógica, ao concluir que “[ ] Sem dúvida, nesse mesmo olhar sobre os educandos, estaremos nos olhando, nos observando e entendendo e redescobrimos segredos de nossa docência. [ ]”.(ARROYO<sup>6</sup>, 2004, p. 63). Assim, possivelmente, o mesmo poderá mudar de maneira positiva, a trajetória escolar de seus alunos. Para este professor sua prática pedagógica está correta, pois o ambiente, a falta de estudo, e o relacionamento dos alunos justificam o seu não aprender. Segundo Fernández<sup>4</sup> (2001), o “desejo” pelo aprender é provocado pelo próprio “prazer” do professor em ensinar. Sendo que este “prazer” do professor está diretamente relacionado com o seu “fazer” pedagógico a sua “forma de ensinar”, ou seja, a “sua modalidade de ensino”.

Para a maioria dos alunos, entrevistados a culpa do “não aprender” está diretamente ligada no outro, na sala de aula.

*Segundo o entrevistado A1: “Muita conversa paralela, meus colegas incomodam toda a sala de aula”.* Percebe-se que os alunos referem-se as “bagunças” como as grandes vilãs que provocam desconcentração e não aprendizagem.

Mas também, não se eximem de sua própria responsabilidade pela sua “repetência”, ao escrever *“porque não me esforcei o bastante e faltei muito” (A2).*

Em concordância, a maioria dos pais também culpa seus filhos pela repetência escolar, por não se esforçarem nas atividades, por não prestarem atenção nas aulas.

*Para P4: “Toda vez que reprovou foi porque não estudou, é preguiçoso e conversa na aula.”*

A escola aparece para os alunos e pais como ambiente do conhecimento, para eles é neste espaço que acontece a aprendizagem, “o aprender”, desconhecendo seu papel de ensinante, supervalorizando a escola e excluindo-se deste processo. É importante que a família se inclua participe mais da vida escolar de seus filhos. Dentro deste olhar, percebe-se que o “fracasso escolar” está relacionado à “estrutura familiar”

que acaba excluindo o próprio filho através de sua negligência escolar. Arroyo<sup>6</sup> (2004) defende que “[ ] A nossa tarefa será deixar claro à sociedade que se somos nós os que sentenciamos, a lógica que nos leva a sentenciar não é só docente nem escolar, é a lógica seletiva e excludente que a sociedade nos impõe.[ ]”(ARROYO<sup>6</sup>, 2004, 374). Este tipo de família reflete negativamente no aprendizado de seus filhos que, explica Pain<sup>11</sup> (1985, p. 36): “[ ] Significado do sintoma na família: comumente se evidencia que o problema da criança é emergente do problema do grupo primário ao qual pertence. [ ]”. De acordo com Piletti<sup>13</sup>, (1999, p. 45): “Cumprir à escola organizar suas atividades de forma a, cada vez mais, atender ao impulso de todos os alunos, que é o de aprender sempre mais. Para tanto, precisa adequar-se à realidade dos alunos [ ]”.

Sendo assim a Psicopedagogia coloca-se neste movimento do aprender/ensinar com um olhar/escuta voltado para a realidade dos alunos, desmistificando seus fracassos, ressignificando seu não aprender a fim de que este sujeito re-construa seu conhecimento.

Conceituar fracasso escolar é para alguns autores uma tarefa que implica em muitas complexidades. A questão a seguir para os sujeitos da pesquisa é que conceituem fracasso escolar.

A pesquisada refere-se ao fracasso como sendo *“A falta de vontade do aluno, auxílio necessário em casa (apoio), desinteresse, força de vontade” (M4).*

Complementando a ideia, (M10) descreve o mesmo como sendo o *“Desestímulo que a aluno apresenta de ir para a escola”.*

Para Arroyo<sup>6</sup> (2004) relata, em outras palavras, que o professor deve ter um olhar diferenciado, ou seja, acolhedor, quando descreve que “[ ] Guardo no meu caderno a frase de uma professora: “ quando mudamos nosso olhar sobre os educandos, tudo muda, os conteúdos, a didática”. Acrescentei no meu caderno: nós mudamos como professores. (ARROYO<sup>6</sup>, 2004, p. 56).

Já os pesquisados que fizeram menção somente à causa voltada à “estrutura família”, revelam: *“Não ter incentivo dos pais no processo de aprendizagem dos filhos” (M8).*

O fracasso ocorre “[ ] quando há somente participação da escola na vida do aluno, cabendo ao professor ensinar e educar, sendo que esse último é papel dos pais” (M3).

Para (P2) a escola serve: “Para ensinar as crianças estudar e ser bem na vida. Sem estudar a gente não é nada!”

Portanto, de acordo com as autoras “[ ]”, a escola pode ser considerada tanto como um espaço de possibilidades prazerosas, quanto um espaço repressor e sem alegria.” (PENAFIEL; LIMA<sup>5</sup>, 2016, p. 379).

Ainda em continuidade a alegação da (M3) de que “há somente participação da escola na vida do aluno”.

Esta afirmativa é contrariada por alguns pais pesquisados ao descreverem seu acompanhamento na aprendizagem dos filhos como: “Vou às reuniões, ajudo nas tarefas e trabalhos, pergunto como foi o dia na escola...” (P1);

“Quando eles precisam de ajuda eu explico. Quando tem reunião; eu participo”; (P3).

Assim, de acordo com Piletti<sup>13</sup> (1999, pg. 36): “[ ] Uma acusação bastante freqüente que se faz à escola é que ela, em vez de contribuir para a superação das desigualdades sociais, ajuda a reforçá-las. [ ]”. No entanto, as autoras Carmo; Almeida; Figueiredo<sup>14</sup> (2015) relatam:

“[ ] a importância da parceria entre família e escola, não apenas diante do sucesso escolar, mas, principalmente, diante do fracasso, de tal modo que possam traçar juntas estratégias que levem o aluno a aprimorar o seu desempenho escolar.” (CARMO, ALMEIDA, FIGUEIREDO<sup>14</sup>, 2015, p. 35).

Percebe-se que esta relação de parceria, deixa a desejar quando os pais se eximem, por alguma razão, em acompanhar com mais dedicação o cotidiano escolar de seu filho. Ao descrever: “Da melhor maneira possível” (P4). Ou ainda, “Mando ele estudar, fazer as tarefas [ ]” (P2).

Segundo a pesquisada: “o fracasso ocorre por falta de motivação da família, da escola e também eles mesmos não se interessam em querer aprender o novo o diferente. Hoje eles não buscam mais querer saber, o aprender” (M9).

No entanto, através de um diálogo com as pesquisadas, observou-se tratar-se de pais que, apesar de se esforçarem para ajudar seus filhos, também não concluíram seus estudos. Mas, que provavelmente também foram vítimas, além de outras supostas causas, de um sistema de ensino subordinado às normas capitalistas de sua época, e que ainda apesar de algumas reformas, perdura até os dias atuais, levando este contínuo “fracasso” para as gerações futuras.

Diante disso, de acordo com este autor “[ ] É preciso, porém, compreender bem as razões do “fracasso escolar” que, muitas vezes, não estão nem no professor nem no aluno, mas no sistema escolar, geralmente condicionado pelo sistema sócio-econômico vigente. [ ]” (PILETTI<sup>13</sup>, 1999, pg. 47).

Para um grupo significativo de professores o fracasso escolar está relacionado a currículo, à metodologia dos conteúdos não assimilados pelos alunos, ou seja, problemas na “modalidade de aprendizagem/ensinagem dos professores, porém vistos, pelos mesmos, como incapacidade dos educandos em “aprender” suas explicações.

De acordo com, Fernandez<sup>4</sup> (2001), não se descarta as possibilidades de “dificuldades de aprendizagem” relacionadas a sintomas e inibições que podem também prejudicar a modalidade de aprendizagem do aluno. Mas, neste momento, serão discutidos os fatores externos do fracasso escolar, que são os mais relevantes, como indicadores de “problemas no fazer institucional”. Sendo assim, “[ ] Nas situações de fracasso escolar, a modalidade de aprendizagem do sujeito não se torna patológica; [ ]” (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, p. 31), mas é o sistema de ensino que está adoecido.

Entretanto, Freire<sup>15</sup> (2013) alerta para que os professores tenham um olhar investigativo; não no sentido de invasão de privacidade, mas de criação de vínculos positivos, através do conhecimento das histórias de vida de seus alunos, relatando que “As educadoras precisam saber o que se passa no mundo das crianças com quem trabalham. O universo de seus sonhos, a linguagem com que se defendem, da agressividade de seu mundo. O que sabem e como sabem [ ].”(FREIRE<sup>15</sup>, 2013, pg. 99-100).

Dando continuidade, ainda, aos fatores externos ao indivíduo que provocam o fracasso escolar. Agora destacando, a realização da prática docente em conformidade com sua boa ou má formação acadêmica e continuada, como também, de sua postura frente a sua prática pedagógica. Neste sentido, a pesquisada M5 menciona: “*Penso que o fracasso escolar é a falta de motivação do docente em estar no ambiente escolar*”.

De maneira complementar, Piletti<sup>13</sup> (1999) concorda que “[ ] Na medida em que grande parte dos seus alunos tiver um desempenho considerado baixo, insuficiente, o professor pode sentir-se um frustrado, ele mesmo um fracassado. [ ]” (PILETTI<sup>13</sup>, 1999, pg. 47).

Tendo como consequência, desta frustração um sentimento de baixa autoestima no seu cotidiano escolar expressado na fala anterior de M5.

Em seguida, o pesquisado M7 descreve: “*Acredito que o fracasso escolar parte do sistema de ensino, na qual o aluno não consegue avançar em seu ensino aprendizagem, e os docentes por falta de conhecimento didático*”. Desta maneira, Arroyo (2004) refere-se ao conhecimento de uma didática diferenciada que deseja compreender “os saberes dos educandos”, sendo assim, o mesmo concorda com o relato feito pelo grupo de professores pesquisadores em seu livro, descrevendo que “[ ] As professoras e professores licenciados lamentaram que em sua formação a ênfase nos conteúdos e nas metodologias secundarizou e ignorou o saber sobre os educandos. [ ]” (ARROYO, 2004, p. 60).

Em contra partida, Fernández (2001) considera que além da prática em sala, o docente deve se colocar no lugar do educando para compreender as reais necessidades na aprendizagem do mesmo, relatando que “Poder ser um professor “suficientemente bom” não se consegue com técnica ou com cursos. Requer um trabalho constante consigo mesmo para construir uma postura, um posicionamento como aprendente, o qual resultará em modos de ensinar. [ ]. (FERNÁNDEZ<sup>16</sup>, 2001, p.36).

Dentro deste contexto da prática pedagógica consciente, dos professores (as), sobre os reais motivos da repetência escolar, é mencionada, por Arroyo<sup>6</sup> (2004), como uma atitude necessária para a própria auto avaliação deste docente.

Em vista disso, Fernández<sup>16</sup> (2001) descreve que “A avaliação não deve dirigir-se ao aluno. A avaliação precisa situar-se como uma análise do processo construtivo do aluno e do professor.” (FERNÁNDEZ<sup>16</sup>, 2001, p.39).

Neste sentido, Arroyo<sup>6</sup> (2004) e Fernández<sup>16</sup> (2001) concordam que a avaliação docente é uma tentativa de compreender o fazer pedagógico relacionado ao, “como aprender” e o “por que do não aprender”; destes alunos que não alcançam, em determinados anos letivos, êxito escolar. Dentro deste olhar, “[ ] Para ensinar, o ensinante precisa conectar-se com sua posição aprendente e favorecer que os alunos possam conectar-se com a sua posição ensinante.[ ]” (FERNÁNDEZ<sup>4</sup>, 2001, p. 99).

As respostas dos professores pesquisados referem-se a vários fatores que podem gerar o “fracasso escolar”; nas quais são percebidas, pelos mesmos, como conseqüências preocupantes que acabam em reprovação do aluno.

Sendo que esta repetência, de acordo com Arroyo<sup>6</sup> (2004) “tem sido nas últimas décadas um dos campos mais fecundos de embates, questionamentos de crenças, emoções, valores e concepções sobre a educação e o ofício de mestre. (ARROYO<sup>6</sup>, 2004, p. 369).

## **5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

A Psicopedagogia percebe o individuo na sua singularidade em relação ao seu modo de “aprender”, a sua modalidade de aprendizagem. O assunto pautado neste artigo refere-se a este sujeito que traz consigo sua própria história e, nela a sua postura diante do “como aprender” e do “como ensinar”. Entendendo o mesmo como autor de suas ideias e único em sua forma de pensar e realizar aquilo que aprendeu. Como sujeito pensante que é; ao mesmo tempo em que aprende, também ensina aquele que, além de professor, deseja aprender os saberes do cotidiano destes alunos vivendo, assim, uma relação de trocas mútuas e de um ensino/ aprendizagem mais prazerosa entre ambos.

Por meio dos estudos realizados, objetivou-se analisar as causas que levaram os discentes a reprovação escolar, tendo em vista as modalidades de ensino, os vínculos professor/aluno e criar possibilidades para um novo olhar sobre o “fracasso escolar”.

Em vista disso, as metas foram atingidas mediante a comprovação dos resultados por meio da análise dos dados obtidos, e fundamentados dentro de uma abordagem pedagógica e psicopedagógica. Neste sentido, pôde-se assim compreender os possíveis motivos da repetência escolar nos quais se demonstraram, não só, de cunho externo ao indivíduo, mas também interno. Portanto, consecutivamente, trata-se de um “fracasso escolar” provocado, pela ordem dos problemas de aprendizagens reativos referentes às modalidades de ensino, a falta de interdisciplinariedade, a precária formação do professor, entre outras situações institucionais; de estrutura familiar e individual do próprio educando.

Desta forma, o mesmo tem por finalidade demonstrar, a todo corpo diretivo escolar, a importância de “um olhar e uma escuta” psicopedagógica sobre estes alunos, professores e seus familiares; com o intuito de que os pesquisados formem vínculos para desvendar os entraves no ensino/aprendizagem. E, que os docentes reflitam no seu fazer pedagógico quanto a sua modalidade de ensino. Desfazendo, assim, este olhar recriminatório ou preconceituoso, sobre estes repetentes que estão sofrendo constantes “rótulos” provocados pelo “fracasso escolar”. Nos quais, podem conseqüentemente, evitar uma possível evasão escolar. Neste sentido, visando, por meio da análise dos dados coletados, uma consciência maior das possíveis causas que estão gerando estas “quebras” na modalidade de aprendizagem dos mesmos.

Dentro deste contexto estudado, sugere-se uma maior análise dos dados coletados através de um olhar psicopedagógico “preventivo” e “clínico”, mediante os sintomas observados nos alunos entrevistados. Deste modo, elaborando um trabalho de “assessoramento psicopedagógico escolar” que norteie à práxis pedagógica destes docentes, como também um acompanhamento psicopedagógico familiar e individual com os alunos repetentes.

### **Referencias Bibliográficas:**

1. CRESWELL JW. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.
2. SCOZ B. Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

3. BOSSA NA. A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.
4. FERNÁNDEZ A. Os Idiomas do Aprendiz: análise das modalidades ensinantes com família, escola e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.
5. PENAFIEL KJQ, LIMA VAA. Representações de si e sentimento moral: uma pesquisa sobre fracasso escolar. Rev Educação: Teoria e Prática Rio Claro 2016; 26: 365-381. Disponível no URL: <http://dx.doi.org/10.18675/1981-8106>
6. ARROYO MG. Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres. Vozes: Petrópolis, RJ, 2004.
7. PATTO MHS. A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.
8. WEISS MLL. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
9. FERNÁNDEZ A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.
10. PERRENOUD P. A pedagogia na escola das diferenças: fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.
11. PAIN S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
12. VISCA J. Técnicas projetivas psicopedagógicas e pautas gráficas para sua interpretação. Buenos Aires: Visca & Visca Ediciones, 2015.
13. PILETTI N. Sociologia da educação. Ed. Ática: São Paulo, 1999.
14. CARMO PK, ALMEIDA VC, FIGUEIREDO SB. Resiliência e Fracasso Escolar: uma análise dos fatores de risco e de proteção presentes nas famílias e nas escolas, capazes de interferir no processo de aprendizagem. e-hum Rev Científica das áreas de História, Letras, Educação e Serviço Social do Centro Universitário de Belo Horizonte 2015; 8: 27-36, 2015. Disponível no URL: <http://revistas.unibh.br/index.php/dchla/index>
15. FREIRE P. Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar. 24 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.
16. FERNÁNDEZ A. O saber em jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Artmed: Porto Alegre, 2001.